

GRUPO DE PESQUISA JORNALISMO, DIREITO E LIBERDADE

Projeto de Pesquisa - Auxílio à Pesquisa Regular – FAPESP 2018

Título:

JORNALISMO NA CIVILIZAÇÃO DIGITAL
Linguagem Performativa e Espaço Público para ações
discursivas nos conflitos das Democracias *

Pesquisador responsável:

Manuel Carlos da Conceição Chaparro – Professor Doutor.

Instituição sede:

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
– Departamento de Jornalismo e Editoração

OBJETIVO – Construir e propor uma teoria macropragmática que descreva as aptidões do Jornalismo para ações discursivas na civilização digital, como *Linguagem Performativa e Espaço Público dos conflitos democráticos*.

JUSTIFICATIVA - No mundo globalizado pelos efeitos socioculturais da revolução tecnológica da Interconectividade Global, o jornalismo ganhou complexidades de linguagem dos conflitos discursivos, em contextos macrointerlocutórios que as teorias do século XX não explicam. Com o propósito de contribuir para o preenchimento desse vazio teórico, o presente projeto de pesquisa usará conteúdos e recursos metodológicos das ciências da linguagem, para investigar e teorizar as novas aptidões performativas da linguagem jornalística - aptidões cada vez mais intensamente utilizadas em redes de difusão planetária instantânea, para efeitos imediatos. E isso se dá em lógicas de conflitos construtores de DEMOCRACIA, pela competência discursiva de sujeitos institucionalizados, que sabem como e quando DIZER PARA AGIR, e como e quando AGIR PARA DIZER, no uso não só da linguagem jornalística, mas também do espaço público planetário em que o jornalismo já se constitui.

ÍNDICE

1) INTRODUÇÃO	3
2) ENUNCIADO	3
3) MOLDURA HISTÓRICA	6
4) DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	12
5) HIPÓTESE	13
6) OBJETIVOS E DESAFIOS	17
7) METOLOGIA	18
8) AÇÕES	18
9) BIBLIOGRAFIA	19
10) CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	20
11) RELATÓRIO CIENTÍFICO	20

1 – INTRODUÇÃO

Jornalismo, Democracia e Liberdade

(Texto não finalizado)

2 - ENUNCIADO

Naquele 11 de setembro de 2001, correu mundo, em tempo real, a imagem do avião sob controle terrorista no momento da colisão com a segunda das torres atingidas. Era o ápice do ataque ao World Trade Center. A primeira torre, já em chamas, fora atingida momentos antes por outro dos quatro aviões sequestrados para a mais espetacular ação terrorista da História política.

Esse primeiro avião cumpriu função de anúncio, com importância decisiva na estratégia comunicacional do acontecimento. Como irresistível pré-pauta, atraiu as redes mundiais de televisão ao local dos fatos.¹ E quando o segundo avião surgiu em mergulho de colisão, já lá estavam dezenas, talvez centenas de câmeras, no papel de olhos do mundo. Em mãos profissionais, captaram e difundiram, em instantaneidade planetária, imagens e sons do ataque, no exato momento em que os fatos ocorriam.

A notícia, âmago do acontecimento, soltava-se dele. E assumia poderes que de imediato tornaram velhas até teorias recentes, que definiam a Notícia como espécie de texto *obrigatoriamente produzida sob o controle de jornalistas, em redações*. Em 1992, por exemplo, no seu mais importante livro, o influente teórico espanhol

¹ Aos 28 anos, o então jovem cineasta francês Jules Naudet captou para a História, naquela terça-feira de setembro de 2001, as únicas imagens do voo suicida do primeiro avião, no ataque ao World Trade Center. Equipados com câmeras profissionais, Jules e seu irmão Gedeon estavam na entrada na Torre Sul trabalhando na produção de um documentário sobre a vida dos bombeiros de Nova York. Jules filmava a ação dos bombeiros no controle de um vazamento de gás quando, exatamente às 8h46, o avião do voo 11 da American Airlines passou poucos metros acima dele, na direção da Torre Norte. Assustado pelo ronco ensurdecedor das turbinas, e em impulso instintivo, Jules virou a câmara para cima, a tempo de filmar a colisão que abriu enorme rombo nos andares 93-99 do edifício atingido. Essas imagens, porém, só tempos depois seriam divulgadas. Não fizeram parte do impacto discursivo do acontecimento.

Martinez Albertos ainda sustentava que só haveria notícia se produzida pelos profissionais jornalistas que “controlam o meio utilizado para a difusão”.²

No caso das torres gêmeas, porém, a Notícia nem pelas redações passaria. Como âmago abstrato na materialidade do acontecimento, ganhou autonomia para exercer poderes de ação discursiva devastadora - ação que de imediato globalizou transformações nas interações da geopolítica mundial.

Na simbologia, como nas complexidades materiais e discursivas da derrubada das torres gêmeas, temos a evidência histórica de que, na transição do segundo para o terceiro milênio, as tecnologias de difusão planetária possibilitaram a aglutinação do “acontecer” e do “difundir”, num “todo acional” jornalístico. E esse foi o fenômeno comunicacional de maior relevância, no mais dramático acontecimento já narrado pelo relato jornalístico.

Para o jornalismo, e no jornalismo, a perturbação é essencialmente teórica.

Com a derrubada das Torres Gêmeas, desmoronou, também, o fundamento teórico da **Periodicidade**. Essa era uma das quatro “**características constantes**” que o alemão Otto Groth décadas atrás propusera, para qualificar o Jornalismo como sistema organizado de conhecimento baseado em metodologia científica.³

Para Otto Groth, na **periodicidade** estava o intervalo que determinava um certo ritmo de vida das elites, no costume matinal de ler periódicos jornalísticos, ou na rotina diária de, à noite, assistir telejornais. No modelo proposto por Groth, **periodicidade** constituía a especificidade que diferenciava o jornal de outras obras impressas em

² "Notícia é o relato de um fato verdadeiro, inédito ou atual, de interesse geral, que se comunica a um público que pode ser considerado massivo, *desde que haja sido colhido, interpretado e valorado pelos sujeitos promotores que controlam o meio utilizado para a difusão.* (...) *A função valorativa é absolutamente própria e específica, em todos os níveis, do exercício do jornalismo: no plano do recolhimento, da análise e da organização das notícias.*"

(ALBERTOS, José Luiz Martinez. *Curso general de redacción periodística*, Madrid, Paraninfo, 1992, p. 288)

³ Otto Groth formou-se em jornalismo aos 22 anos, em 1897, e concluiu seu doutorado em 1915. Ao longo de 45 anos de criação intelectual, produziu os quatro volumes da enciclopédia “*O Jornal*” (Die Zeitung) e o seu mais importante estudo, “*O Poder Cultural Desconhecido...*”, obra de sete volumes. Otto Groth morreu aos 90 anos, em 1965.

papel (livros e folhetos, por exemplo).⁴ Nas redes da civilização digital, porém, a notícia deixou de transitar em ritmos periódicos.

Ao tornarem possível a eliminação do intervalo entre o acontecimento e o seu relato jornalístico, as tecnologias da difusão instantânea mudaram não apenas as formas de ser e viver da humanidade. Mudaram também (e profundamente!) os fluxos, a velocidade, a abrangência, os percursos, o potencial transformador e os modos de produção e socialização dos conteúdos jornalísticos.

Criou-se, assim, a extraordinária possibilidade tecnológica de, pelo jornalismo, imediatamente desorganizar e/ou reorganizar as relações humanas e institucionais, se levarmos em conta a combinação de duas variáveis:

- (1) Com a eliminação do intervalo entre o fato e seu relato, a notícia passou a fazer parte do acontecimento;
- (2) Formatado como notícia, o acontecimento ganhou eficácia de ação discursiva, para efeitos imediatos em auditórios conectados em redes universais.

Por decorrência, noticiar passou a ser a forma mais eficaz de interferir no mundo. As chamadas “fontes” deixaram de ser pessoas que detinham ou retinham informações. Passaram a ser sujeitos sociais organizados, com identidade institucional, produtores ostensivos de fatos, falas, ideias, saberes, produtos e serviços com atributos de noticiabilidade.

Para isso se capacitaram profissionalmente, apropriando-se das competências e habilidades técnicas do jornalismo. Competências e habilidade com que os sujeitos geradores de conteúdos noticiáveis passaram a usar o jornalismo, em estratégias e táticas discursivas, para agir e interagir em função de interesses e objetivos próprios. E o fazem, no legítimo aproveitamento do pressuposto sociocultural que dá aval de credibilidade à linguagem jornalística.

⁴ Na proposta de Otto Groth, quatro eram as características constantes do jornalismo impresso: *Periodicidade, Atualidade, Universalidades e Difusão* (ou Publicidade).

3 – MOLDURA HISTÓRICA

PERIodos EVOLUTIVOS NO JORNALISMO MODERNO

1) Revolução Discursiva da Notícia

Os efeitos culturais e econômicos da Revolução Industrial chegaram ao jornalismo no século XIX, e o transformaram, por intermédio de quatro grandes inventos de máquinas mecânico-elétricas:

- O telégrafo, inventado por Samuel Morse e por ele patenteado em 1837.
- A impressora rotativa, posta em uso pioneiro em 1846, no *Philadelphia Public Ledger*. Com ela, tornou-se possível imprimir em curto tempo grandes tiragens dos jornais diários, para a destruição a públicos massivos .
- A linotipo, máquina maravilhosa inventada em Baltimore (EUA) no ano de 1884, pelo emigrante alemão Ottmar Mergenthaler, para fazer a composição mecânica de textos. Foi usada pela primeira vez a 3 de julho de 1886, no *New York Tribune*. Equipada com uma pequena caldeira aquecida⁵, a linotipo fundia em chumbo líquido blocos de linhas de texto (na largura das colunas de jornal), compostas com caracteres tipográficos. Para a movimentação e a organização das matrizes com letras, na construção de palavras e frases, o linotipista, operador da máquina, acionava um teclado assemelhado ao da máquina de escrever.
- A clicheria, inventada em 1852 para a impressão de imagens, teve uso industrial pioneiro em março de 1880, no *Daily Graphic*, de Nova Iorque. Com a clicheria, a fotografia pôde ser incorporada à narração jornalística, agregando-lhe veracidade e e vigor estético.

Em decorrência direta desses avanços tecnológicos, cujo uso na segunda fase da Revolução Industrial (1860-1900) modernizou a indústria gráfico-jornalística, deu-se, como efeito cultural altamente transformador, o desenvolvimento expansivo e qualitativo da informação noticiosa de interesse público.

Entre os quatro inventos, o telégrafo foi o que mais contribuiu para impulsionar a Notícia.

⁵ O ponto de fusão do chumbo é de 327,5 graus.a Notícia

Com o uso do telégrafo nas operações das agências noticiosas da época, a Notícia ganhou velocidade e avançou sobre o espaço impresso ocupado pelo articulismo nos jornais diários americanos e europeus. E ampliou progressivamente seus efeitos sociais e culturais, melhorando o nível de informação nas populações urbanas.⁶

Nesse processo, para se adaptarem aos limites de uma tecnologia ainda em desenvolvimento, as agências criaram e popularizaram um estilo de redação clara, precisa e concisa, para o relato diário dos fatos relevantes da atualidade. A Notícia ganhou, assim, eficácia para a informação curta, ágil e de fácil apreensão, com um estilo de redação ainda hoje chamada de “pirâmide invertida” no jargão das redações.⁷

A Notícia foi a locomotiva que levou o jornalismo moderno à sua segunda fase evolutiva, na civilização industrial.

2) Revolução Discursiva da Reportagem

Informadas por um jornalismo crescentemente noticioso, as sociedades organizadas do mundo capitalista criaram e manifestaram demandas por desvendamento, explicação, divergência e discussão em torno dos fatos e conflitos noticiados. E ao final do século XIX, na resposta a essas demandas, uma nova espécie narrativa surgiu no discurso jornalístico, para um relato mais crítico e explicativo dos fatos e conflitos da atualidade. Com protagonistas, suas falas e ações.

No cenário brasileiro, serve como sinal dessa evolução, o aparecimento de vários jornais diários historicamente importantes. Em 1875 surgiu a *Província de São Paulo* (que em 1890 passaria a chamar-se *O Estado de S. Paulo*); em 1884 nasce em São Paulo o *Diário Popular*; em 1891, o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro; em 1894, *A Tribuna*, de Santos; e em 1895, o *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

Com novos títulos e maiores espaços no jornalismo diário impresso, cresceu e evoluiu a narração jornalística de aprofundamento, debate e elucidação, no uso da nova

⁶ A Associated Press (AP) destacou-se na ousadia com que entrou no uso do telégrafo. Fundada em 1846, foi, no cenário do jornalismo internacional, a primeira e, por mais de 50 anos, a única grande agência de notícias norte-americana (a UPI só surgiria em 1907). No mundo, porém, antes da AP, surgira em 1835, com sede em Paris, a Havas (hoje, France Presse). Em 1851, com sede em Londres, nasceu a Reuters, ainda hoje uma das principais agências do mundo.

⁷ A **pirâmide invertida** é uma técnica de estruturação narrativa que, no relato dos fatos, por algum critério valorativo, privilegia a disposição das informações em ordem decrescente, da informação mais relevante para a menos importante.

espécie de texto que entraria com o nome de REPORTAGEM na classificação das formas discursivas do jornalismo.

No crescimento do jornalismo impresso diário e semanal, a reportagem - com texto autoral de temperos literários - logo ganharia poder, prestígio e espaço crescentes.

No Brasil, um marco histórico nesse impulso evolutivo foi a cobertura jornalística da Guerra de Canudos, feita por Euclides da Cunha para *O Estado de S. Paulo*.⁸

Nesse trabalho de correspondente de guerra, Euclides da Cunha enviou ao jornal 21 cartas e 55 relatos telegrafados - uma parte na fase inicial da cobertura, em remessas feitas de Salvador; outra, enviada diretamente do centro do conflito, já com a guerra perto do fim.

Assim, também no jornalismo impresso brasileiro começou, expandiu-se e consolidou-se a REVOLUÇÃO DISCURSIVA DA REPORTAGEM, que ao longo do século XX sofisticou e deu novo padrão de qualidade à narração jornalística.

Para o ápice desse estilo mais literário no jornalismo brasileiro, surgiu em 1956 o Prêmio Esso de Jornalismo, que teve papel de relevante estímulo ao desenvolvimento e à afirmação da Grande Reportagem, também chamada de Reportagem de Profundidade.

Em 1956, quando o Prêmio Esso surgiu, já havia no jornalismo brasileiro uma elite de bons repórteres, que passaram a incorporar ao relato jornalístico, e o faziam com talento, recursos criativos da narração ficcional. Ficaram na História, como símbolos desse grupo, Ubiratan de Lemos e Mário de Moraes, ganhadores do primeiro Prêmio Esso de Reportagem, com um trabalho sobre o drama dos emigrantes nordestinos em fuga da seca. Do mesmo grupo faziam parte os repórteres que inscreveram seu nome na galeria dos ganhadores do prêmio nos quatro ou cinco anos seguintes, entre os quais José Leal e Márcio Moreira Alves.

⁸ Euclides da Cunha (1866-1909), engenheiro formado pelo Instituto Militar de Engenharia, serviu o Exército até 1896. Já escrevia (regularmente e bem) como articulista de *O Estado de S. Paulo*. E em agosto de 1897 foi convidado por Júlio Mesquita, diretor do jornal, para testemunhar, como correspondente, as operações do Exército na Guerra de Canudos, no sertão baiano. Permaneceu na Bahia até outubro daquele ano, produzindo relatos das batalhas e de seus efeitos, em textos transmitidas por telégrafo para o jornal paulista. Fonte: arquivos de *O Estado de S. Paulo*.

Esses nomes, e os prêmios que ganharam com suas reportagens, influenciaram, sem dúvida, o perfil de uma nova geração de repórteres, mais numerosa, surgida nos anos 60 e consagrada nas décadas seguintes, da qual fizeram parte repórteres de estatura maior, como Walter Firmo, Luís Fernando Mercadante, Luís Edgard de Andrade, José Itamar de Freitas, José Hamilton Ribeiro, Audálio Dantas e Ricardo Kotscho.

Foram tempos gloriosos da Grande Reportagem na imprensa diária brasileira.

Entretanto, ainda na década de 60, espalhou-se pelo mundo ocidental a influência do *New Journalism*, um estilo da matriz norte-americana de jornalismo literário, de narração intensa. O *New Journalism* exerceu influências no mundo jornalístico por pelo menos duas décadas, como paradigma inovador de reportagem.⁹

As influências do *New Journalism* manifestaram-se no Brasil com o surgimento de projetos como os da revista *Realidade*, da Editora Abril, e do *Jornal da Tarde*, vespertino lançado pelo Grupo Estado.¹⁰

Os ventos do *New Journalism* perderam vigor no ocaso dos anos 80 – por coincidência ou não, exatamente o período em que a Internet começava a se espalhar pelo mundo, acelerando os efeitos transformadores da poderosa revolução tecnológica do pós-guerra.¹¹

Na origem da Internet esteve a rede pioneira chamada ARPANET, criada em 1969 pela agência Americana [ARPA](#) (Advanced Research and Projects Agency - Agência

⁹ A notoriedade do “New Journalism” derivava do prestígio do grupo de jornalistas escritores (ou escritores jornalistas) que criaram, e deram nome e estilo, a essa modalidade de narração jornalística intensa: [Tom Wolfe](#), [Truman Capote](#), [Hunter S. Thompson](#), [Norman Mailer](#), [Joan Didion](#), [Terry Southern](#), Robert Christgau e [Gay Talese](#), entre outros.

¹⁰ A revista *Realidade* teria vida curta. Fundada em abril de 1966, deixou de circular em janeiro de 1976. O *Jornal da Tarde*, lançado a 4 de janeiro de 1966, foi, no jornalismo diário brasileiro, importante novidade qualitativa da segunda metade do século passado. Mas sempre teve a limitação das baixas tiragens. E decaiu. Já desfigurado, deixou de existir em outubro de 2012.

¹¹ Após o término da II Guerra Mundial começaram a surgir, em sucessivos inventos, os embriões de uma nova Revolução Tecnológica, que nos colocaria na Civilização Digital. Eis as novidades: o transistor e o chip (1947), o circuito integrado (1957), os satélites artificiais (o primeiro deles também em 1957), o primeiro computador de grande porte (1958), o microprocessador e a fibra ótica (1971), o microcomputador (1975), o Apple II (1977) - e nas décadas seguintes, em evolução contínua, novas tecnologias convergentes e complementares de comunicação e informação, em especial as tecnologias de difusão universal, das quais resultou essa surpreendente realidade a que chamamos de globalização.

de Pesquisas em Projetos Avançados), com o objetivo de interligar as bases militares e os departamentos de pesquisa do governo americano, o que permitiria ao Pentágono processar e transmitir informações.

Era uma ferramenta da guerra fria. Mas as universidades e as entidades de pesquisa que trabalhavam com o Pentágono foram autorizadas a entrar no projeto.

A partir de 1982, o uso da Arpanet cresceu no âmbito acadêmico. Inicialmente, o uso era restrito aos EUA, mas se expandiu para outros países, como Holanda, Dinamarca e Suécia. Desde então, começou a ser utilizado o nome **Internet**.

Nos primeiros anos, apenas os meios acadêmico e científico tiveram acesso à rede. Em 1987, pela primeira vez foi liberado seu uso comercial nos EUA. Em 1992, começaram a surgir diversas empresas provedoras de acesso à internet naquele país. E no mesmo ano, o Laboratório Europeu de Física de Partículas (Cern) inventou a **World Wide Web**, que começou a ser utilizada para colocar informações ao alcance de qualquer usuário da Internet.

No Brasil, a exploração comercial da Internet foi liberada em 1995. Vinte e dois anos depois, um relatório de outubro de 2017, sobre economia digital, produzido e divulgado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, informava que, com 120 milhões de usuários, o Brasil ficava atrás apenas dos Estados Unidos (242 milhões), Índia (333 milhões) e China (705 milhões).

O último relatório *Digital in 2018*, divulgado pelos serviços online das organizações *Hootsuite* e *We Are Social*, revela que pelo menos quatro bilhões de pessoas estão conectadas às redes universais, como usuárias da Internet. Isso representa, aproximadamente, 53% de uma população mundial calculada em 7,6 bilhões de seres humanos.

Com a crescente utilização da Internet, o mundo da Revolução Industrial foi sendo alojado nas prateleiras do passado, para dar lugar a uma nova Revolução Tecnológica, que Darcy Ribeiro já antevia em 1968, batizando-a de “Revolução

Termonuclear”, anunciadora das “sociedades futuras”.¹² Mas que, 50 anos depois, já pode ser chamada – e assim será aqui denominada - de **Revolução da Interconectividade Global**, da qual surge a civilização digital em que já vivemos.

Fixemos o nome: **Revolução da Interconectividade Global**. Nela, o jornalismo herdado da Revolução Industrial, que durante quase um século foi tratado e estudado como “quarto poder”, envelheceu nos conceitos e nas práticas.

Em estado de crise, o jornalismo entrou na sua terceira fase evolutiva

3) Revolução Discursiva das “Fontes”

Sob os efeitos desorganizadores e/ou reorganizadores da Internet, surgiria no jornalismo, no terço final do século XX, o empoderamento das chamadas “Fontes”, até então tratadas como “objetos” pela arrogância da cultura **jornalística** (a arrogância do suposto “quarto poder”). Com representatividade e identidade institucional, as fontes também assumiram papéis e poderes de sujeitos jornalísticos, na aptidão discursiva de protagonistas da atualidade.

Por quê?

Porque se tornaram geradores competentes de ações e conteúdos noticiáveis, para agirem e interagirem nos conflitos democráticos que movem e reelaboram a atualidade – conflitos políticos, sociais, culturais, econômicos, financeiros, religiosos, ideológicos, éticos, morais, científicos, esportivos, militares, filosóficos...

Também porque, como sujeitos sociais organizados (governos, partidos políticos, empresas, igrejas, universidades, associações de todos os tipos e uma infinidade de organizações governamentais e não governamentais), se aperceberam dos poderes transformadores que a revolução tecnológica da Interconectividade Global agregara à linguagem jornalística.

E para o uso do discurso jornalístico se capacitaram profissionalmente, adquirindo competências para usar técnicas e formas de, pelo jornalismo, dizer e fazer, com saberes estratégicos e em ações táticas de intervenção discursiva no mundo real das pessoas, em democracias.

¹²Sobre Revolução Termonuclear e Sociedades Futuras, ver: **RIBEIRO**, Darcy, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, pp. 189-208.

Temos, portanto, um jornalismo cujas complexidades já não são explicadas pelas teorias gestadas nas “verdades” da Revolução Industrial.

4 - DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O jornalismo vive, sim, já em plenitude, a fase evolutiva da **Revolução Discursiva das Fontes**. Trata-se de uma evolução que, na dinâmica da globalização, deu rumos novos aos usos e às práticas do jornalismo.

Em síntese, estamos diante de um fenômeno a ser estudado em suas causas e seus efeitos civilizacionais, para que possamos chegar à construção de uma teoria do jornalismo capaz de explicar como linguagem performativa e espaço público dos conflitos que interessam à democracia.

E isso porque...

...o jornalismo passou a ter uso tático cada vez mais intenso, em ações decididas e coordenadas pelo saber estratégico dos sujeitos sociais organizados - nos embates da economia como nos da política; nas transitoriedades da ciência como nas ousadias da cultura; na disputa de mentes pelas religiões e ideologias como nas conquistas e derrotas do esporte; na liberdade das artes como nos saltos da tecnologia; nas opções da guerra como nos movimentos pela paz; nas violências irracionais do terrorismo como no “vale tudo” do antiterrorismo; nas lutas de vanguarda por mudanças como nas teimosias conservadoras dos que nada querem mudar.

No século XXI, falamos, portanto, de um jornalismo que, na pluralidade dos sujeitos e nas complexidades de linguagem e espaço público dos conflitos, pouco ou nada tem a ver com o jornalismo sitiado em redações “donas” da Ética, da Notícia e das Verdades. Era um jornalismo gerado e conceitualmente formatado pelos efeitos socioculturais da Revolução Industrial. Assentado, portanto, em parâmetros teóricos que já desapareceram, destruídos pelos efeitos civilizacionais do livre acesso à instantaneidade das tecnologias de difusão planetária, que dão face e rumos à **Revolução da Interconectividade Global**.

Precisamos, pois, de uma nova teoria do jornalismo. E essa é a empreitada que o Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Direito e Liberdade” decide assumir, com a

proposta do presente projeto – que buscará respostas para a seguinte pergunta: - **Que jornalismo é esse, com aptidões e funções de linguagem altamente performativa e espaço público dos conflitos construtores de Democracia?** - provavelmente o espaço público mais importante e a linguagem de mais intenso uso do mundo globalizado. Portanto, um bem público indivisível, porque pertence a todos.

5 - HIPÓTESE

Para que os procedimentos de investigação, eis a hipótese com que trabalharemos:

Jornalismo é uma linguagem altamente performativa, eficaz, confiável, sedutora e criativa, para o RELATO, a ELUCIDAÇÃO e o COMENTÁRIO dos acontecimentos da atualidade. Como linguagem performativa, o jornalismo tem uso social cada vez mais intenso, para o DIZER e o AGIR dos sujeitos discursivos organizados – governos e instituições governamentais; partidos e empresas; e uma infinidade de instituições não governamentais (culturais, empresariais, profissionais, ambientais, científicas, recreativas, religiosas, artísticas...), que têm o que dizer, querem dizer e sabem dizer, como protagonistas dos conteúdos (fatos e falas) da atualidade. São sujeitos falantes, que agem quando dizem. E que dizem quando agem. Sempre em função da defesa e da afirmação de algum interesse, particular ou público. Portanto, em cenários e lógicas de conflitos – políticos, econômicos, financeiros, ideológicos, morais, éticos, jurídicos, religiosos etc.. Os conflitos que interessam à Democracia.

Como linguagem performativa e como espaço público dos conflitos que movem o mundo, o jornalismo é, cada vez mais, parte essencial dos processos políticos, sociais, econômicos, científicos e culturais que continuamente alteram, desorganizam e/ou reorganizam as relações de poder e os ordenamentos sociais nas comunidades humanas.

Exatamente por se constituir linguagem performativa e espaço público dos conflitos, o jornalismo é um bem público, igualmente indispensável ao mundo organizado das instituições e ao mundo dos cidadãos comuns, que como usuários do jornalismo, nele e por ele viabilizam o direito

fundamental de acesso à aquisição e à difusão de informações, ideias, conhecimentos e opiniões – o que inclui o direito à liberdade de expressão.

Na HIPÓTESE com que trabalharemos incluem-se três vertentes teóricas:

1 – Como ambiente macrointerlocutório, o jornalismo é um laboratório vivo de interações complexas, que já exigem e justificam uma Teoria Macropragmática da Linguagem Jornalística, tendo como base os estudos linguísticos existentes no segmento especializado da Pragmática.¹³

Como ponto de partida, assume-se como válida a seguinte descrição macropragmática do processo jornalístico, a ser validada pela pesquisa:

Dimensão Macropragmática do Jornalismo



O fluxograma descritivo do processo jornalístico, aí apresentado, pretende ser uma representação dinâmica do uso performativo da linguagem

¹³ Sobre o entendimento pragmático do processo jornalístico, ver: CHAPARRO, Manuel Carlos, *Pragmática do Jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística* (3ª edição), São Paulo, Summus, 2007, pp. 140-144.

*jornalística pelos sujeitos intervenientes no processo. E o termo **PROCESSO** tem, aqui, o sentido científico a ele atribuído pelo astrônomo Jérôme Lalande (1732/1807).*

Assim, entenda-se a palavra como a denominação dada à sequência dos fenômenos que apresentam uma certa unidade e/ou se reproduzem com regularidade que os torna normais. Mas admitindo, também, que especialmente quando se trata de processos psicológicos ou sociais, essa normalidade pode ser quebrada por mudanças mais ou menos transformadoras, produzidas por circunstâncias direta ou indiretamente inerentes ao próprio processo. Por exemplo, as mudanças que as revoluções tecnológicas impõem aos processos socioculturais, entre eles o jornalismo.

É razoável, pois, pressupor que o jornalismo se constitui um processo macrointerlocutório, portanto macropragmático, cuja explicação exige e justifica a presente tentativa acadêmica de expandir os estudos da Pragmática, para a construção de uma teoria Macropragmática do Jornalismo.

2 – Para que o jornalismo possa ser qualificado como LINGUAGEM PERFORMATIVA, necessário se faz definir uma tabela de atributos indispensáveis à sua performance discursiva.

A identificação de atributos performativos na linguagem jornalística pressupõe o entendimento de que, ao ser usada pelos sujeitos falantes, o jornalismo os capacita para agir e interagir socialmente, sempre com a inerente perspectiva de produzir efeitos transformadores imediatos, nos ambientes e nas circunstâncias em que se dão as ações discursivas operacionalizadas pelo uso do jornalismo.

A grade de Atributos Performativos do Discurso Jornalístico, a seguir proposta, deve ser validada em procedimentos investigativos e em discussões no Grupo de Debates (nome provisório), a ser criado, formado por pesquisadores acadêmicos e profissionais do jornalismo, para a integração de saberes acadêmicos e saberes da prática profissional.

Eis a tabela que propomos:

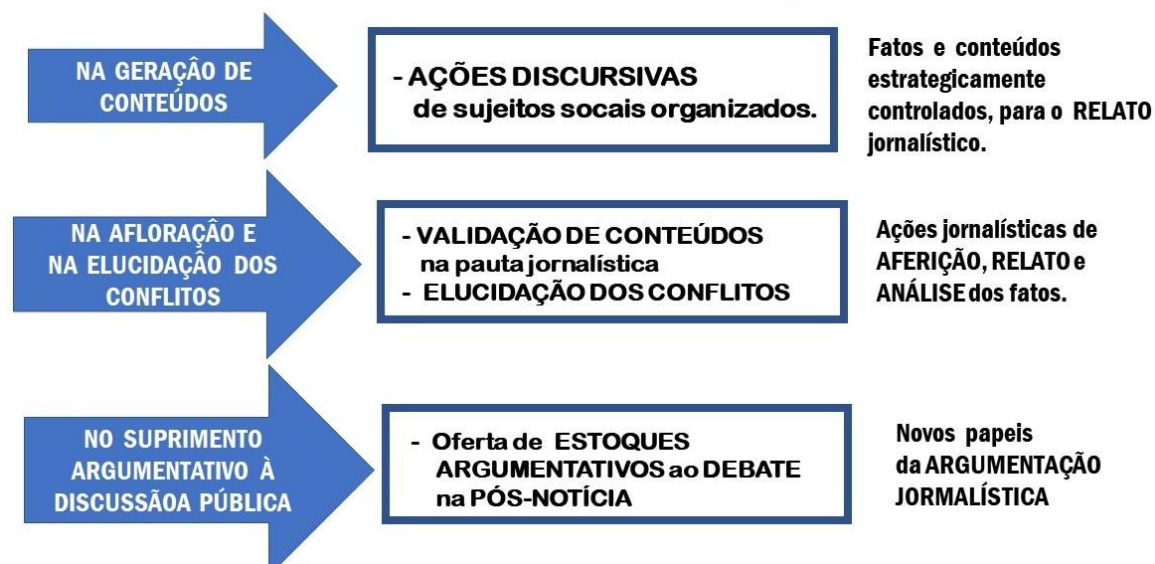
ATRIBUTOS PERFORMATIVOS DO DISCURSO JORNALÍSTICO

De ESSÊNCIA	De FORMA	De CONTEÚDO
Razões Democráticas	Clareza...	Veracidade
Conflito(s)	... das Ideias	Atualidade
Independência	...das Relevâncias	Notoriedades
Difusão Estratégica	...das Ações	Dramaticidade
Compromisso ético*	Precisão / Concisão	Utilidade
* Valores humanistas	Eficácia Estilística	Surpresa
* Interesse Público	Correção Linguística	Conhecimentos
	Suspense	
	Design interativo	

3 - A busca por novos entendimentos e novas explicações do que seja jornalismo torna inevitável uma pergunta: - E A PROFISSÃO DE JORNALISTA, COMO FICARÁ?

Na hipótese aqui construída, apresentamos uma possibilidade de resposta, sintetizada na seguinte descrição:

Expansão profissional do Jornalismo
na contínua reelaboração do “AGORA”
- NA VIDA DE PESSOAS E INSTITUIÇÕES!



A profissão está em estado de mutação, adaptando-se às novas dinâmicas e práticas do uso do jornalismo, em tempos de Revolução da Interconectividade Global. Qualquer que seja a avaliação da crise de adaptação pela qual passa, a profissão ganhou importância, porque expandiu o campo e

as especialidades da sua atuação, não apenas como atividade responsável pela confiabilidade e pela eficácia discursiva da linguagem jornalística, mas também pela função que exerce na afloração e no sucesso dos conflitos que interessam à Democracia e aos processos civilizacionais.

*No entendimento proposto, temos uma atividade profissional de **Operadores do Jornalismo** (jornalistas), organizada e distribuída em três espaços de atuação, no uso responsável da linguagem jornalística, bem público pelo qual devem zelar:*

*- O espaço da **GERAÇÃO E DIVULGAÇÃO PRIMÁRIA DE CONTEÚDOS**, no âmbito dos sujeitos sociais organizados, produtores interessados de fatos e falas noticiáveis.*

*- O espaço da **AFLORAÇÃO NARRATIVA DOS CONFLITOS** e da sua **ELUCIDAÇÃO**, com a validação e a contextualização interpretativa de conteúdos conflitantes, tarefa por tradição cultural confiada à mediação jornalística independente (redações de meios jornalísticos jurídica e socialmente reconhecidos).*

*- Na fase da pós-notícia, o espaço aberto da **DISCUSSÃO PÚBLICA**, nutrida por estoques argumentativos oferecidos ao debate por tradicionais e por novos polos jornalísticos da análise crítica autoral (comentários, reportagem e entrevistas), inclusive, e cada vez mais, por meio da difusão sem barreiras nas redes sociais.*

Os lugares, as especificidades e as competências do exercício profissional em tempos da interconectividade global, assim como suas normas deontológica, terão de encontrar modelos e formas que privilegiem o zelo técnico e a responsabilidade ética da profissão, quaisquer que sejam os locais em que os jornalistas trabalhem como operadores do Jornalismo - desde os espaços da geração de conteúdos, na fase da pré-notícia, aos momentos da oferta de suprimento argumentativo e elucidativo à discussão pública, nas fases da pós-notícia.

Talvez a lógica de organização e distribuição de competências dos operadores do Direito possa servir de modelo inspirador para a organização do

campo profissional do jornalismo. É também o que queremos estudar, debater e avaliar.

6 – OBJETIVOS E DESAFIOS

OBJETIVOS

Objetivo principal - Construir uma teoria macropragmática que descreva e explique as complexidades e aptidões performativas do Jornalismo, como Linguagem e Espaço Público dos Conflitos Civilizacionais, nos contextos e efeitos transformadores da Revolução Tecnológica da Interconectividade Global.

Objetivo secundário - Mapear e descrever a expansão do campo profissional do jornalismo, como atividade responsável pela confiabilidade, operacionalidade e eficácia da linguagem jornalística, mas também pela função que os jornalistas exercem na afloração e no sucesso dos conflitos que interessam à Democracia.

DESAFIOS CIENTÍCOS

- Desenvolver uma descrição linguística e não linguística de **MACROPRAGMÁTICA**, aplicável ao entendimento e à explicação das complexidades da linguagem jornalística, no uso macrointerlocutório que as sociedades organizadas dela fazem.
- Estabelecer e fundamentar uma descrição das características performativas específicas do discurso jornalístico, na sua vocação vital de obter efeitos e sucessos imediatos.
- Apreender, compreender e descrever, como fenômeno novo, o crescente uso das redes sociais como meio difusor interativo, para ações discursivas pelo uso da linguagem jornalística.

7. METODOLOGIA

Ver, Avaliar, Comparar e Teorizar o objeto “Jornalismo”, desconstruindo-o em suas complexidades, a partir da observação direta das práticas, usos e sucessos

performativos da Linguagem Jornalística, nas operações do jornalismo real, em ambientes e circunstâncias da Interconectividade Global.

8 - AÇÕES

a) - ***Definir e organizar o referencial bibliográfico***, para a construção de uma descrição teórica macropragmática das peculiaridades performativas do jornalismo, como linguagem e espaço público dos conflitos discursivos que continuamente desorganizam e/ou reorganizam as relações humanas, socioculturais e de poder, no mundo globalizado pelas tecnologias da Interconectividade Global.

b) – ***Formar um GRUPO DE DEBATES*** (nome provisório), para a avaliação progressiva da Pesquisa, no acompanhamento das várias ações, à medida que haja resultados para processar e debater. Desse grupo farão parte quatro pesquisadores do GP “Jornalismo, Direito e Liberdade (CJE e IEA) e quatro jornalistas profissionais ligados às parcerias já acertadas ou a acertar (sem custos), envolvendo duas redações, uma associação profissional e uma consultoria especializada no uso das redes sociais para difundir conteúdos jornalísticos. Com essa mescla, pretende-se integrar saberes acadêmicos e saberes da prática profissional, no mesmo esforço de produzir e socializar conhecimento.

c) ***Leituras e discussões metodicamente organizadas e conduzidas***, em função dos objetivos teóricos do projeto.

d) - **PESQUISA DE CAMPO 1** - ***Onde estão, o que fazem e que percurso profissional percorreram os jornalistas formados pela ECA/USP nas últimas quatro décadas?*** - Conhecimento a ser obtido em amostra (cientificamente definida) do universo a ser pesquisado por meio de entrevistas. Com fichamento individualizado de informações, teremos material quantitativo para procedimentos estatísticos que permitam alcançar e interpretar indícios úteis ao objetivo secundário do projeto

e) - **PESQUISA DE CAMPO 2** – Em função dos dois objetivos do projeto, ***realizar observações metodologicamente controladas (incluindo estudos de caso), para conhecer e descrever razões, técnicas, competências, estratégias e táticas do agir comunicacional de sujeitos sociais organizados***, como usuários do jornalismo geradores de conteúdos noticiáveis.

f) - PESQUISA DE CAMPO 3 – Também em função dos dois objetivos do projeto, *definir e acertar a colaboração de três parceiros (redações de duas empresas jornalísticas, e de uma agência de Notícias), para realizar observações por meio de estudo de casos criteriosamente escolhidos, a fim de mapear a origem, o trânsito e o tratamento final dado aos conteúdos jornalísticos*, na passagem pelos polos independentes da produção jornalística.

g) – PESQUISA DE CAMPO 4 - *Validação e mapeamento final da tabela de Atributos Performativos do Discurso Jornalístico - Desconstrução de matérias jornalísticas difundidas por meios impressos e eletrônicos, com a aplicação de uma metodologia de validação da proposta da tabela de atributos performativos garantidores de sucesso imediato às ações discursivas realizadas e/ou viabilizadas pelo jornalismo.-*

h) – PESQUISA DE CAMPO 5 - Com a colaboração da consultoria parceira, especializada em usos jornalísticos das Redes Sociais, **desenvolver e aplicar um método confiável de observação, para apreender, compreender e descrever o crescente uso jornalístico das redes sociais, em estratégias e táticas de difusão instantânea multidirecional.**

i) – No cenário do jornalismo brasileiro, **identificar, caracterizar, qualificar e mapear o surgimento, a natureza jurídica, a tipificação e a atuação de veículos jornalísticos somente digitais (jornais, revistas, portais, sites e outras eventuais experiências).**

9 - BIBLIOGRAFIA

(a organizar)

10 - ESQUEMA E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

- Finalização e avaliação científica do projeto.
- Definição e formalização de parcerias.
- Constituição, instalação e definição de calendário de reuniões do Grupo de Debates.
- Tabulação, aferição e avaliação dos resultados
- Construção final da proposta teórica

11 - RELATÓRIO CIENTÍFICO FINAL

* O presente Projeto de Pesquisa não chegou a ser finalizado. Logo após essa redação, o professor Manuel Carlos Chaparro sofreu um AVC isquêmico do qual não se recuperou plenamente em nenhum momento. No projeto, trabalhariam em conjunto, na coordenação, ele e o Prof. Dr. Vitor Blotta, ambos do Núcleo de Pesquisa Jornalismo, Direito e Liberdade, da ECA-USP e do IEA-USP. Nota de GHEDINI, Fred, em março de 2023.